

TECNOLOGIAS DIGITAIS E A FORMAÇÃO LINGUÍSTICA: IMPACTOS NA GRAMÁTICA, ESCRITA E ORALIDADE NO ENSINO MÉDIO

DIGITAL TECHNOLOGIES AND LINGUISTIC TRAINING: IMPACTS ON GRAMMAR, WRITING AND SPEECH IN HIGH SCHOOL

Eleuza Rodrigues da Rocha

Secretaria de Estado da Educação de Goiás, GO, Brasil.

Katia Silvia de Castro Montes

Secretaria de Estado da Educação de Goiás, GO, Brasil.

Eliete Luiza Montes

Secretaria de Estado da Educação de Goiás, GO, Brasil.

Ivanilda Maria de Assunção

Secretaria de Estado da Educação de Goiás, GO, Brasil.

Kelly Alves Pinheiro Araújo

Secretaria de Estado da Educação de Goiás, GO, Brasil.

Resumo: O presente artigo propõe uma reflexão sobre os impactos das tecnologias digitais na formação linguística de estudantes do Ensino Médio, com foco em três dimensões centrais: gramática, escrita e oralidade. No contexto contemporâneo, a linguagem circula por múltiplos ambientes digitais, exigindo da escola uma revisão de suas práticas pedagógicas e uma ampliação do olhar sobre o ensino da língua portuguesa. A gramática, muitas vezes ensinada de forma descontextualizada, pode ser reconfigurada por meio de ferramentas tecnológicas que possibilitam sua análise em situações reais de uso da linguagem. A escrita, por sua vez, ultrapassa os limites da norma culta tradicional ao se expandir em ambientes digitais como redes sociais, blogs, fóruns e aplicativos, nos quais os estudantes mobilizam diferentes registros e estilos textuais. Já a oralidade, marcada

pela presença da multimodalidade, se expressa em formatos como vídeos, áudios e podcasts, desafiando a escola a desenvolver práticas que contemplem essas novas formas de comunicação. A partir de uma abordagem teórica e analítica, o estudo discute como integrar esses elementos ao currículo de forma crítica e criativa, promovendo o letramento digital, a autonomia comunicativa e a valorização das experiências linguísticas dos alunos. Conclui-se que a escola precisa assumir o compromisso de formar sujeitos capazes de transitar entre diferentes linguagens, reconhecendo as tecnologias como aliadas na construção de uma educação mais significativa, inclusiva e alinhada às demandas da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Ensino Médio, linguagem, tecnologias digitais, gramática, escrita, oralidade.

Abstract: This article proposes a reflection on the impact of digital technologies on the linguistic development of high school students, focusing on three central dimensions: grammar, writing, and orality. In the contemporary context, language circulates through multiple digital environments, requiring schools to revise their pedagogical practices and broaden their perspective on Portuguese language teaching. Grammar, often taught in a decontextualized manner, can be reconfigured through technological tools that allow for its analysis in real language use situations. Writing, in turn, goes beyond the boundaries of the traditional standard norm, expanding into digital spaces such as social networks, blogs, forums, and messaging apps, where students engage with different registers and textual styles. Orality, increasingly marked by multimodality, is expressed in formats such as videos, audio recordings, and podcasts, challenging schools to develop practices that embrace these new forms of communication. Using a theoretical and analytical approach, the study discusses how to integrate these elements into the curriculum in a critical and creative way, promoting digital literacy, communicative autonomy, and the appreciation of students' linguistic experiences. It concludes that schools must commit to educating individuals capable of navigating diverse forms of language, recognizing technologies as allies in building a more meaningful, inclusive, and socially responsive education.

Keywords: High school, language, digital technologies, grammar, writing, orality.

Introdução

Nas últimas décadas, o avanço acelerado das tecnologias digitais tem transformado profundamente as formas de comunicação, aprendizagem e produção de conhecimento em todas as esferas da vida social.

No contexto educacional, explicam Silva e Xavier (2020), essas transformações se manifestam de maneira ainda mais evidente, especialmente entre os estudantes do Ensino Médio, que já vivenciam cotidianamente práticas de leitura, escrita e oralidade mediadas por telas, aplicativos, redes sociais e ambientes virtuais.

Diante desse cenário, torna-se urgente repensar os processos de ensino-aprendizagem da língua portuguesa, compreendendo que a formação linguística dos jovens ocorre hoje não apenas nos espaços formais da escola, mas também nos múltiplos ambientes digitais com os quais interagem constantemente.

Essa nova realidade impõe desafios significativos à escola, que precisa equilibrar o compromisso com o ensino da norma culta e das estruturas formais da língua com a valorização das práticas sociais e comunicativas que emergem no meio digital. Conforme defendido por Borges et al. (2022, p. 70): “A gramática, tradicionalmente trabalhada de forma prescritiva e descontextualizada, precisa ser resignificada a partir de usos reais e contextualizados da linguagem”. A escrita, por sua vez, passa a ser realizada em diferentes suportes e formatos, exigindo flexibilidade didática e atenção às novas linguagens. Segundo a visão de Cecchin e Reis (2020, p. 201): “Já a oralidade ganha força em formatos multimodais, como vídeos, podcasts e apresentações digitais, que ampliam as formas de expressão e exigem competências comunicativas mais abrangentes”.

Neste artigo, propõe-se uma reflexão sobre os impactos das tecnologias digitais na formação linguística dos estudantes do Ensino Médio, com foco em três eixos fundamentais: a gramática, a escrita e a oralidade. Por meio de uma abordagem teórica e analítica, busca-se compreender como a escola pode integrar essas dimensões de forma crítica, criativa e pedagógica, respeitando a diversidade de linguagens e os contextos socioculturais dos alunos. Parte-se da premissa de que o uso das tecnologias não deve ser visto como uma ameaça ao ensino da língua, mas como uma oportunidade para ampliar, ressignificar e potencializar o trabalho com a linguagem na escola contemporânea.

Gramática em ambientes digitais: reconfigurações no ensino formal da língua

A inserção das tecnologias digitais na educação tem provocado transformações significativas no modo como a linguagem é ensinada e vivenciada pelos estudantes, especialmente no Ensino Médio, etapa em que a consolidação das competências linguísticas é fundamental para a formação crítica e comunicativa dos jovens.

Dentro desse contexto, destacam Silva e Xavier (2020, p. 171):

O ensino de gramática, tradicionalmente centrado em uma abordagem normativa e descontextualizada, vem sendo chamado a se reinventar. A gramática, quando mediada por ferramentas digitais, deixa de ser apenas um conjunto de regras rígidas para tornar-se uma ferramenta de análise, compreensão e produção linguística mais integrada ao cotidiano dos alunos.

As plataformas digitais, os aplicativos de aprendizagem, os editores de texto com correção automatizada, os ambientes virtuais colaborativos e até mesmo as redes sociais oferecem aos professores novas formas de explorar os conteúdos gramaticais de maneira mais significativa. Borges et al. (2022, p. 61) sustenta que: “O foco passa a ser não apenas o domínio da norma-padrão, mas também a compreensão das variações linguísticas, dos usos contextuais da língua e da influência do meio digital sobre as práticas de leitura e escrita”. A gramática, portanto, é mobilizada de forma mais dinâmica, como prática viva, observável em textos reais, interações em tempo real e produções multimodais.

Essa reconfiguração do ensino formal da língua exige uma mudança na postura pedagógica. Como colocam Cecchin e Reis (2020, p. 118): “O professor deixa de ser mero transmissor de regras e passa a atuar como mediador do conhecimento, promovendo situações de aprendizagem que valorizem a análise linguística a partir de contextos concretos”.

Paiva (2006, p. 53) assinala que:

Exercícios que antes se limitavam à identificação de classes gramaticais em frases isoladas podem ser substituídos — ou enriquecidos — por propostas que envolvam a análise de mensagens em redes sociais, notícias online, vídeos curtos, memes e outros gêneros contemporâneos que circulam em ambientes digitais.

Essa abordagem não nega a importância da norma culta, mas a insere num debate mais amplo sobre adequação linguística, intencionalidade

comunicativa e multiplicidade de registros.

No entanto, essa mudança metodológica não ocorre sem entraves. Um dos principais desafios é a formação docente. De acordo com o que sustenta Leffa et al. (2014, p. 144): “Muitos professores ainda se sentem despreparados para utilizar tecnologias de maneira pedagógica e crítica, o que pode levar ao uso superficial das ferramentas ou mesmo à resistência diante de práticas inovadoras”. Soma-se a isso a carência de infraestrutura em muitas escolas públicas, a falta de tempo para o planejamento colaborativo e a pressão por resultados em avaliações padronizadas, que ainda priorizam modelos tradicionais de ensino.

Apesar desses desafios, as possibilidades trazidas pelas tecnologias digitais para o ensino da gramática são vastas. Segundo o entendimento de Carvalho e Sataka (2020, p. 122): “Elas permitem personalizar o processo de ensino-aprendizagem, oferecer feedbacks mais imediatos, trabalhar com diferentes estilos cognitivos e promover maior engajamento dos alunos”. Além disso, estimulam o pensamento crítico ao colocarem o estudante em contato com múltiplas formas de uso da linguagem, desafiando-o a refletir sobre seus próprios modos de expressão.

Portanto, observa Magalhães et al. (2021, p. 33):

Reconfigurar o ensino da gramática em ambientes digitais não significa abandonar o conhecimento linguístico estruturado, mas sim ampliá-lo, tornando-o mais conectado às práticas reais de linguagem e às vivências dos estudantes. Significa compreender que a língua é viva, dinâmica e profundamente marcada pelas tecnologias com as quais interagimos diariamente.

Cabe à gestão escolar, à formação docente e às políticas públicas apoiar essa transição, garantindo que as ferramentas digitais sirvam como aliadas na construção de uma educação linguística mais crítica, inclusiva e transformadora.

A escrita e as plataformas digitais: entre a norma e a prática cotidiana

A escrita, enquanto forma estruturada de expressão e comunicação, sempre esteve associada ao domínio da norma culta da língua. No contexto escolar, especialmente no Ensino Médio, ela é frequentemente trabalhada com base em modelos normativos, exigindo do aluno a adequação gramatical, coesão, coerência e obediência às convenções formais da escrita

acadêmica ou institucional.

No entanto, escreve Telles (2008, p. 21):

O avanço e a popularização das tecnologias digitais trouxeram novas dinâmicas para as práticas de escrita, expandindo os espaços e os sentidos do escrever. Hoje, os estudantes não escrevem apenas para provas e redações escolares — eles produzem conteúdo em redes sociais, aplicativos de mensagens, blogs, fóruns e outras plataformas digitais que exigem domínio de múltiplos gêneros e linguagens.

Essa multiplicidade de espaços de produção textual criou um cenário no qual a escrita se realiza entre dois polos: de um lado, a norma culta ensinada na escola; de outro, as práticas cotidianas de escrita digital, marcadas por informalidade, velocidade, criatividade e adequação situacional.

Nas reflexões de Simões (2022, p. 13):

Em redes como WhatsApp, Instagram, TikTok ou Twitter, por exemplo, os jovens produzem textos com abreviações, emojis, gírias, memes e elementos multimodais que fogem aos padrões escolares, mas que revelam competências comunicativas legítimas e sofisticadas.

Essa escrita do cotidiano, muitas vezes desvalorizada no espaço escolar, expressa saberes linguísticos fundamentais para a formação crítica e cidadã. O desafio, portanto, está em como a escola e, sobretudo, a gestão e o professor de língua portuguesa lidam com essa tensão. De acordo com a perspectiva de D'Isola (2021, p. 20): “Em vez de estabelecer uma oposição rígida entre a norma e o uso, é possível — e necessário — adotar uma abordagem que reconheça a diversidade linguística e promova a reflexão sobre os diferentes contextos de uso da língua”. O aluno precisa compreender que não há uma única forma correta de escrever, mas sim diferentes formas de adequação, conforme a situação comunicativa, o suporte, o público e a intenção do texto. Como demonstrado por Simões (2022, p. 42): “Trabalhar com gêneros digitais em sala de aula, como posts, comentários, e-mails, resenhas online e textos opinativos de blogs, pode ser uma estratégia pedagógica potente para conectar a aprendizagem da escrita às experiências reais dos estudantes”.

Essa revalorização das práticas cotidianas de escrita não implica abandonar a norma culta, mas sim contextualizá-la.

Conforme estabelecido por Telles (2008, p. 36):

Ao invés de apresentar regras de forma desarticulada, os professores

podem promover comparações entre registros formais e informais, discutir variações linguísticas, refletir sobre os efeitos de sentido gerados por diferentes escolhas e estimular a produção textual que transite entre os dois universos — o escolar e o digital.

As plataformas educacionais também podem ser aliadas nesse processo, com ambientes que permitam a edição colaborativa de textos, o uso de ferramentas de revisão, a interação por comentários e a avaliação formativa em tempo real.

Por outro lado, não se pode ignorar que esse processo exige investimento na formação docente, para que o professor possa atuar de forma crítica diante das tecnologias, e também na estrutura das escolas, que muitas vezes carecem de internet estável, equipamentos adequados e tempo para planejamento pedagógico colaborativo. É necessário, portanto, destaca Magalhães et al. (2021, p. 72): “Que as políticas públicas e as equipes gestoras considerem a integração entre escrita e tecnologias como parte de uma estratégia maior de inovação educacional e valorização da linguagem como prática social”.

Em síntese, pensar a escrita entre a norma e a prática cotidiana é reconhecer que o ensino da língua portuguesa no Ensino Médio deve dialogar com os novos letramentos e com os múltiplos modos de produção de sentido que fazem parte da vida dos estudantes. A escola, ao acolher essas experiências e promover a reflexão crítica sobre elas, amplia as possibilidades de ensino-aprendizagem e contribui para a formação de sujeitos mais autônomos, conscientes e capazes de transitar com competência entre os diferentes usos da linguagem na sociedade contemporânea.

Oralidade e multimodalidade: novas formas de comunicação no espaço escolar

A oralidade sempre ocupou um lugar essencial na comunicação humana e, por extensão, na educação. No entanto, durante muito tempo, a escola conferiu status privilegiado à escrita, tratando a oralidade de forma secundária, geralmente limitada à leitura em voz alta ou à reprodução mecânica de conteúdos. Com o avanço das tecnologias digitais e das mídias sociais, essa hierarquia entre as formas de linguagem vem sendo desafiada.

Carvalho e Sataka (2020, p. 144) enfatizam que:

A comunicação contemporânea, especialmente entre jovens do Ensino Médio, é marcada por uma intensa circulação de conteúdos

multimodais — vídeos, áudios, podcasts, memes e apresentações orais interativas — que combinam diferentes linguagens: verbal, visual, sonora e corporal.

Esse cenário demanda da escola uma nova compreensão sobre o papel da oralidade e da multimodalidade nos processos de ensino e aprendizagem.

No ambiente escolar atual, a oralidade já não pode mais ser tratada como uma simples fala espontânea. Nas palavras de Leffa et al. (2014, p. 211): “Trata-se de uma prática complexa, que envolve planejamento discursivo, domínio de estratégias argumentativas, consciência do interlocutor, entonação adequada, uso de recursos expressivos e, cada vez mais, articulação com elementos visuais e tecnológicos”. O estudante que grava um vídeo para uma apresentação escolar, que participa de um podcast em sala de aula ou que produz conteúdo audiovisual para um trabalho interdisciplinar está mobilizando múltiplas competências linguísticas que vão além da fala tradicional. A multimodalidade, nesse sentido: “Amplia as possibilidades de expressão e exige da escola um olhar atento às novas formas de construir sentido”, observa Leffa et al. (2014, p. 212).

O ensino da oralidade no Ensino Médio deve, portanto, ir além da preparação para apresentações formais e incluir atividades que explorem a linguagem oral em diferentes contextos, registros e finalidades. De acordo com a visão de Paiva (2005, p. 149): “Debates, rodas de conversa, simulações, vídeos argumentativos, narrativas orais e análises de discursos midiáticos podem ser estratégias eficazes para desenvolver a competência oral dos estudantes de forma crítica e contextualizada”. Ao incorporar a multimodalidade, essas práticas ganham potência, permitindo que os alunos expressem ideias por meio de múltiplos recursos — som, imagem, corpo e movimento —, o que favorece a aprendizagem significativa e o engajamento.

As tecnologias digitais oferecem ferramentas acessíveis para esse trabalho.

Como apontam Cecchin e Reis (2020, p. 119):

Plataformas como YouTube, Canva, Padlet, Flipgrid e aplicativos de edição de vídeo e áudio permitem que os estudantes experimentem linguagens multimodais e se tornem produtores de conteúdo, e não apenas consumidores. Essas experiências fortalecem não apenas a oralidade, mas também habilidades como argumentação, escuta ativa, criatividade e autoria.

Contudo, é fundamental que esse uso seja intencional e orientado pedagogicamente, para evitar que a tecnologia se limite ao entretenimento ou ao uso acrítico dos recursos disponíveis.

Conforme observado por Borges et al. (2022, p. 61): “Do ponto de vista da gestão escolar e da formação docente, é necessário criar condições para que a oralidade e a multimodalidade sejam efetivamente valorizadas no currículo”. Isso envolve desde o reconhecimento de competências nas avaliações internas até a promoção de espaços pedagógicos que incentivem a expressão oral e a criação multimodal, como feiras, mostras, clubes de mídia, rádio escolar, projetos interdisciplinares e práticas colaborativas. Silva e Xavier (2020, p. 189) identificam que: “A valorização da voz dos estudantes — literal e simbolicamente — é um dos pilares para a construção de uma escola mais democrática, plural e conectada com as práticas sociais contemporâneas”.

Conclui-se que, no espaço escolar do século XXI, oralidade e multimodalidade não são apenas recursos complementares, mas dimensões centrais da formação linguística. Trabalhar essas linguagens de forma articulada permite desenvolver nos estudantes habilidades comunicativas fundamentais para sua inserção crítica na sociedade, contribuindo para sua autonomia, protagonismo e participação social. Nesse processo, conclui Borges et al. (2022, p. 63): “A escola se reinventa como espaço de escuta, expressão e diálogo, valorizando a diversidade de vozes e formas de dizer o mundo”.

Considerações finais

As reflexões desenvolvidas ao longo deste artigo demonstram que as tecnologias digitais têm desempenhado um papel cada vez mais significativo no processo de formação linguística dos estudantes do Ensino Médio. Em um contexto marcado pela intensificação das interações virtuais, pela fluidez na circulação de informações e pelo surgimento de novas formas de comunicação, é urgente que a escola repense suas práticas pedagógicas à luz das transformações culturais e tecnológicas do século XXI. A linguagem, em suas diversas manifestações — gramatical, escrita, oral e multimodal —, deixou de se limitar aos moldes tradicionais e passou a se articular com plataformas, recursos e mídias que fazem parte da realidade cotidiana dos alunos.

No campo da gramática, observa-se que o uso de ferramentas

digitais permite não apenas o reforço de conteúdos normativos, mas, sobretudo, a análise crítica do funcionamento da língua em contextos reais. Aplicativos, corretores automáticos, jogos linguísticos e ambientes colaborativos oferecem possibilidades para que os estudantes reflitam sobre a estrutura da língua de maneira contextualizada e significativa. Ao mesmo tempo, a escrita nas plataformas digitais desafia a escola a compreender as práticas letradas do aluno como legítimas, ressignificando o ensino da norma culta em diálogo com as múltiplas linguagens que circulam no meio digital. A produção textual, antes restrita aos gêneros escolares, expande-se para blogs, redes sociais, fóruns e aplicativos de mensagens, exigindo novas competências comunicativas.

Quanto à oralidade, a presença cada vez maior da multimodalidade amplia as possibilidades de expressão e exige da escola um novo olhar sobre o ensino da fala. As interações orais passam a incorporar recursos visuais, sonoros e performativos, por meio de vídeos, podcasts, apresentações híbridas e demais gêneros emergentes. Essa diversidade exige do professor e da gestão escolar uma abordagem didática que vá além da valorização da pronúncia correta ou da organização formal do discurso, considerando também aspectos como a intencionalidade, a expressividade, o contexto de circulação e o protagonismo dos sujeitos nas situações comunicativas.

Entretanto, reconhecer as potencialidades das tecnologias digitais na formação linguística não significa desconsiderar os desafios. Muitos docentes ainda enfrentam dificuldades no uso pedagógico das ferramentas, seja por limitações técnicas, falta de infraestrutura escolar ou ausência de formação continuada. Além disso, a pressão por resultados em avaliações externas e a rigidez de currículos pouco flexíveis acabam por dificultar a incorporação de práticas mais inovadoras e conectadas à realidade dos estudantes. Soma-se a isso a necessidade de garantir equidade no acesso às tecnologias, especialmente em contextos marcados por desigualdades sociais e educacionais.

Diante desse panorama, conclui-se que é papel da escola — com apoio da gestão e das políticas públicas — criar espaços formativos que valorizem as práticas digitais dos alunos, promovam o letramento crítico e integrem as tecnologias de forma consciente, ética e pedagógica. O ensino da língua portuguesa no Ensino Médio precisa dialogar com os usos sociais da linguagem, reconhecendo que os estudantes já são sujeitos de linguagem em múltiplos ambientes e que a escola tem o compromisso de ampliar, aprofundar e qualificar essas experiências.

Assim, promover a formação linguística no contexto digital é mais do que ensinar regras e técnicas; é proporcionar aos jovens condições para que compreendam, interpretem, se posicionem e atuem no mundo por meio da linguagem. É preparar sujeitos capazes de transitar entre registros formais e informais, de reconhecer a diversidade linguística como valor e de utilizar as tecnologias como ferramentas de expressão, criação e transformação. Cabe à educação linguística, portanto, assumir um papel emancipador, no qual ensinar a língua é também formar cidadãos críticos, sensíveis e aptos a interagir com responsabilidade nas múltiplas esferas da vida social contemporânea.

Referências

BORGES, Rosimeire Aparecida Soares; PRADO, Jésus Vanderli do; PEREIRA, Diego Henrique. **Metodologias ativas e tecnologias digitais no estudo da língua inglesa no ensino médio**. Cuadernos de Educación, v. 19, n. 38, p. 45-60, 2022. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/1379>. Acesso em: 28 mar. 2025.

CARVALHO, Paulo M.; SATAKA, M. M. **Estado da arte das tecnologias digitais da informação e comunicação no ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras**. Anais do CIET: EnPED, São Carlos, 2020. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/issue/view/7>. Acesso em: 28 mar. 2025.

CECCHIN, Anidene de Siqueira; REIS, Susana Cristina dos. **Ensino de produção de narrativas digitais: uma proposta de prática de multiletramentos na escola pública**. Veredas: Revista de Estudos Linguísticos, v. 24, n. 1, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufr.br/index.php/veredas/article/view/25428/14433>. Acesso em: 28 mar. 2025.

D'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **O uso das tecnologias digitais no ensino-aprendizagem da língua inglesa no Ensino Médio**. Revista EntreLínguas, v. 7, n. 1, p. 20-35, 2021. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/entrelinguas/article/view/17032>. Acesso em: 28 mar. 2025.

LEFFA, Wilson J.; FIALHO, Vanessa Ribas; BEVILÁQUA, André Firpo; COSTA, Alan Ricardo (Org.). **Tecnologias e ensino de línguas: uma década de pesquisa em linguística aplicada**. Santa Cruz do Sul:

EDUNISC, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/2921>. Acesso em: 28 mar. 2025.

MAGALHÃES, Simone Rodrigues de; RODRIGUES, Laerte Mateus; PEREIRA, Cláudio Alves. **Metodologias ativas que empregam Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) no Ensino Médio Integrado**. Revista Prática Docente, v. 6, n. 3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/rpd/article/view/295/284>. Acesso em: 28 mar. 2025.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Tecnologias digitais e ensino de línguas: possibilidades e desafios**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 5, n. 1, p. 217–236, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/hKchN9ZQqx5mYHL4k5t3Dhw>. Acesso em: 28 mar. 2025.

SILVA, Maria Dnalda Pereira da; XAVIER, Manassés Morais. **Tecnologias digitais e práticas de linguagens: para pensar a BNCC do Ensino Médio**. Revista de Letras, v. 22, n. 1, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/28539>. Acesso em: 28 mar. 2025.

SIMÕES, Ricardo. **Aprendizagem de línguas mediada por tecnologias e formação de professores: desafios e perspectivas**. Revista Sapiência, v. 10, n. 1, p. 15-30, 2022. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/sapiencia/article/view/8290/5824>. Acesso em: 28 mar. 2025.

TELLES, João Antônio. **Teletandem: uma proposta alternativa em CALLT**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 8, n. 2, p. 33-49, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/V87LYbff6mgLSct9SpxTXnM/>. Acesso em: 28 mar. 2025.